

Demografia e modernidade

Mário Leston Bandeira, *Demografia e Modernidade — Família e Transição Demográfica em Portugal*, Lisboa, INCM, 1996.

O mérito essencial desta obra está em ter colocado os fenómenos demográficos no quadro mais genérico da transformação do pensamento e da cultura, emblematicamente expresso na palavra *modernidade*. Ao fazê-lo, o autor demonstra que as teorias da sociedade só podem ser entendidas enquanto momentos de percepção de um complexo alargado de fenómenos. Por isso é que, embora a sua demografia mantenha uma forte componente analítica, se situa claramente no quadro de uma sociologia da população.

Uma das questões centrais deste livro está, pois, em saber como interpretar e utilizar dados demográficos no quadro da compreensão das grandes transformações sociais portuguesas. O estudo das variáveis demográficas é, em certa medida, apenas o pretexto para o desenvolvimento de um corpo de considerações que situam, como diz explicitamente, «a questão das mudanças demográficas no quadro mais global da modernização social, relacionando o processo de declínio da natalidade com as variáveis familiares».

Por outro lado, este trabalho tenta resolver o problema da transformação e da operacionalização das teorias literárias do social, em si mesmas pouco adaptadas à compreensão dos processos demográficos, os quais são em si mesmos factores sociais muito abrangentes. A questão já era, de resto, compreendida pelo fundador da teoria da transição demográfica, Notestein, o qual «não só não estabelece qualquer dicotomia entre o económico e o cultural, como, por outro lado, afirma claramente que as ‘forças da modernização’ são travadas pela força e nesta ‘luta’ os factores demográficos, isto é, a descida da mortalidade e o crescimento demográfico, têm um papel decisivo em prol da libertação das forças sociais da racionalidade». O que é conseguido neste livro para o esclarecimento desta questão parece interessante, embora a tarefa não esteja concluída.

* Universidade Católica Portuguesa.

Outra característica desta obra é que nela existe uma tensão constante entre a grande teoria, mesmo que de cariz predominantemente demográfico, e uma teoria localizada na instituição, como quando desloca o debate da teoria da transição demográfica para a questão da família. Esta transferência é interessante e coloca a questão de saber o que é mais inovador neste livro, se a definição das leis universais concretas em que as decisões são tomadas, se as escolhas feitas. E o lugar das escolhas, para a definição do qual contribuem os factores de ordem geral, quer através dos diversos factores culturais, quer dos sociais, são obviamente as instituições.

Saliento, quase a terminar, um outro aspecto que me chamou a atenção: o da amplitude da pesquisa demográfica, sendo revistos nesta obra todos os grandes fenómenos da demografia portuguesa: natalidade e fecundidade, mortalidade (geral, por idade e infantil), nupcialidade (com seus indicadores de intensidade e de calendário), composição das famílias, etc. E, se alguém suspeitar de que a amplidão não se compadece com a profundidade, terá ocasião de verificar que o asserto nem sempre se confirma.

Em termos sintéticos, diria que uma das principais virtudes do livro de Mário Bandeira é que alia a vivacidade e riqueza da exposição ao contínuo debate de ideias e propostas de leitura da realidade, estabelecendo uma clara relação entre demografia e modernidade.

Se o trabalho demográfico, em si mesmo, é feito para ser lido e por poucos, Mário Bandeira mostra como ele poderá ser aliciante. Basta tornar sedutores os números através do seu encaminhamento teórico na via da interpretação.